Pensamento Criativo, Arte e Educação

Ainda que sejam muitos os avanços, 50 anos volvidos após a Revolução sabemos que são igualmente muitas as limitações infra-estruturais, materiais e humanas, e os desafios encontrados para um efectivo acesso à criação e à fruição culturais, nomeadamente por crianças e jovens de escolas de todo o país. Consciente deste *estado da arte*, e procurando potenciar a reflexão, no presente caderno de Verão reúne-se um conjunto de experiências pedagógicas com arte asseguradas por professores e educadores da área do SPGL, as quais têm entre si um denominador comum: a confirmação de que a arte é um elemento indispensável para o desenvolvimento do pensamento criativo e, globalmente, para a formação e cultura integral de crianças e jovens, na acepção do professor e resistente antifascista Bento Jesus Caraça.●

JI da Sertã | Menção honrosa | Cartaz | Concurso "50 anos do 25 de Abril, 50 anos de Liberdade" (FENPROF)

O Que Avalia o PISA: Criar ou "Desenrascar"

Isabel Flores
Investigadora ISCTE

O pensamento criativo pode ser ensinado, a aprendizagem destas competências surge pela participação em atividades de cariz artístico e tecnológico e pela atitude pedagógica dos docentes

Portugal posicionou-se ligeiramente acima da média da OCDE nas provas que avaliaram o pensamento criativo. A primeira reação foi de atribuir este resultado à característica inata aos portugueses – capacidade de desenrascar.

Segundo o Priberam desenrascar-se (safar-se) significa "fazer com relativa facilidade e improvisação, geralmente sem os meios adequados".

O pensamento criativo avaliado pelo PISA envolve um conjunto complexo de capacidades como expressão escrita ou visual e resolução de problemas científicos ou sociais, a partir de dados necessários. Nada tem a ver com improvisar. A prova materializou-se em questões como: organizar uma agenda complexa, combinar ingredientes escassos para confecionar uma refeição, desenhar um poster para anunciar um evento ou programar um robot para arrumar prateleiras num supermercado.

Os alunos portugueses destacaram-se pela capacidade de gerar ideias genéricas e de desenvolver ideias prévias, especialmente nas componentes visuais e científicas. A capacidade de propor ideias realmente criativas –"fora da caixa" – foi a dimensão em que ficámos abaixo da média da OCDE.

O pensamento criativo pode ser ensinado, a aprendizagem destas competências surge pela participação em atividades de cariz artístico e tecno-

lógico e pela atitude pedagógica dos docentes. Em Portugal, o destaque vai para os professores com uma mais de 70% dos alunos a reportar que estimulam e valorizam a criatividade, dando espaço para que cada um expresse livremente as suas ideias. O eixo da participação em atividades como artes, música, expressão ou programação são os pontos fracos do sistema com menos de 10% dos alunos a declarar que delas beneficiam.

Sempre os professores a fazer a diferença na aquisição de conhecimento e competências. Uma das importantes conclusões deste estudo é que não existe pensamento criativo sem uma base sólida de conhecimentos científicos, matemáticos e de leitura. **As escolas devem trabalhar para o desenvolvimento de atividades de cariz mais cultural e artístico sem descurar a dimensão do conhecimento e da abertura a novas ideias.**•

Questionar o mundo que nos rodeia

Marta Ornelas
Professora EA António Arroio

A arte de hoje permite múltiplas interpretações e pretende lançar perguntas e reflexões, o que significa que o seu propósito é a criação de pensamento

Questionar o mundo que nos rodeia é uma tarefa essencial e que está ao alcance da escola promover. Fazê-lo a partir das artes significa fazer uso do enorme potencial disponível, quer através do legado de inúmeros artistas, quer através da exploração plástica em sala de aula de forma refletida.

O pensamento crítico é muitas vezes referido nos documentos educativos orientadores, mas nem sempre abordado. Em muitas escolas ainda

se vivenciam experiências de educação artística na área das artes visuais que valorizam o resultado, insistindo no desenvolvimento da motricidade fina, na representação da realidade idêntica à captação fotográfica, na utilização de materiais considerados "de arte". Ora, a produção artística contemporânea vai muito além desta tradição. Os artistas produzem hoje obras de arte que não refletem necessariamente habilidades manuais, não representam a realidade de forma igual à que vemos e utilizam os mais variados materiais, como objetos do quotidiano ou elementos da natureza. Diversas obras ainda possibilitam que o público seja seu coautor.

A arte de hoje não serve para ser bonita, há muito que os artistas procuram afastar-se da estética e da técnica, explorando mais o processo do que o resultado, em que o produto final confronta, desloca e desconforta o público. A arte de hoje permite múltiplas interpretações e pretende lançar perguntas e reflexões, o que significa que o seu propósito é a criação de pensamento. Como tal, é importante que a escola acompanhe esta transformação. Há muitos caminhos alternativos à educação instrumental e o pensamento crítico deve fazer parte da educação artística do presente, para que a arte possa ser uma ferramenta pedagógica de questionamento do mundo, ativando a curiosidade, a motivação, a empatia, a criatividade. **Só assim esta área já tão subvalorizada poderá contribuir para a formação de cidadãos ativos, informados e conscientes.**•

Benjamim Teles, AE de Vouzela, Vouzela
Menção honrosa | Cartaz | Concurso "50 anos do 25 de Abril, 50 anos de Liberdade" (FENPROF)

Escolas de Torres Vedras
A professora de música que desperta as emoções

Jorge Humberto | Dirigente SPGL

Raquel Monteiro é professora de música com mestrado em musicoterapia e a sua vocação sempre foi ajudar o outro através da música e do som, como ferramentas para despertar emoções.
Aos 32 anos anda por diversas escolas do concelho de Torres Vedras a ajudar dezenas de alunos com autismo e multideficiência, bem como na intervenção precoce, com bebés. "Levo sempre comigo a guitarra, uma coluna, muitos instrumentos, acessórios e vontade de cantar", afirma.
Cada aluno é um mundo que se abre ao som, à comunicação verbal, ou não verbal, à mobilidade e à interação social e inclusiva. "Para além de aumentar o foco, concentração e memória, a música promove a interação e participação ativa".
Para o autismo, os jogos, ritmos e músicas estimulam a interação e produção de sons, no contexto da multideficiência é dado foco à interação com o som e os instrumentos, exigindo maior concentração e mais movimentos corporais, estimulando assim também a coordenação motora e movimentos que por vezes são desafiantes. "No entanto, mais do que a patologia ou diagnóstico, há uma adaptação a cada caso".
Para Raquel, a música é inata a todos e tem ainda um caráter lúdico que envolve os participantes num contexto descontraído e cíclico, motivando

a participação e envolvimento e tem um papel muito positivo na inclusão dos alunos com diagnóstico ou dificuldades associadas.
"*Acredito e testemunho que a música pode contribuir de forma ativa para o desenvolvimento de competências emocionais, sociais, físicas e cognitivas de todas as crianças, para além de potenciar a interação com a restante escola de forma mais igualitária, fazendo sobressair as capacidades e competências de cada um, em vez de dar ênfase às dificuldades*".•

AE Monte da Caparica, Almada

As artes, as emoções, experiências no pré-escolar

Anabela Tavares | Dirigente Sindical

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
ARTES PLÁSTICAS

No Agrupamento de Escolas do Monte Caparica, as artes são indispensáveis na inclusão de todas as crianças, pintura, música, expressão corporal.
Testemunho de Vera Simões, professora de música e maestrina:
"Todas as manhãs oferecer o corpo e a mente à música é um bem precioso e saudável! Desperta todos os sentidos ouvir, cantar, ritmar, dançar.
A alegria invade todo o seu ser e a entrega é total.
Com a música aprendem a contar, as cores, as vogais, sons que nos rodeiam (animais, transportes, sons humanos, sons da vida!).
As crianças têm ao seu dispor instrumentos musicais de percussão, maracas, clavas, pandeiretas, guizeiras, acompanham as músicas, cantam e batem ritmos, desenvolvendo o sentido rítmico e coordenação motora.
As danças são igualmente parte integrante de manhãs alegres, ajudando a iniciar o dia com boa disposição, esquecendo as birras matinais.
A música, a arte mais bela, devia fazer parte da nossa vida desde a barriga da mãe! **Sem as artes a vida seria certamente desprovida de interesse!** Pelas artes, pela vida!" •

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
ARTES PLÁSTICAS

AE Nun'Álvares, Seixal
Inspiração Cargaleiro no Seixal

Jorge Gonçalves | Vice-Presidente do SPGL

No concelho do Seixal, a Oficina de Artes Manuel Cargaleiro, com um projeto arquitetónico da autoria do Arquiteto Siza Vieira, tem por objetivo promover a arte contemporânea. São realizadas exposições temporárias e desenvolvidas uma grande diversidade de atividades educativas, com componente experimental nas oficinas, enquanto espaços de criatividade e aprendizagem.

O Agrupamento de Escolas Nun'Álvares tem desenvolvido vários projetos em parceria com o Serviço Educativo de Arte Contemporânea da Câmara Municipal do Seixal. Foram programadas visitas para terem uma parte de descoberta da história do azulejo, acompanhada pela observação de azulejos do jardim da Quinta da Fidalga e na Oficina de Artes Manuel Cargaleiro, percebendo como é a pintura tradicional do azulejo em propostas contemporâneas e observando a pintura do Mestre Manuel Cargaleiro nas obras expostas. Os *workshops* abordam o que é o azulejo, como se pinta e a organização do trabalho para a pintura em azulejo. Depois é mãos à obra, pintar e explorar temas tão diferentes como a Tabela Periódica e a química associada às cores e cozedura do azulejo, ou a Baía do Seixal e a sua biodiversidade, ou as eras geológicas, valorizando o património e projetando a sua importância no presente.•

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
MÚSICA

Fotografia: Casa Pia de Lisboa

Casa Pia de Lisboa
Relato de uma experiência com estudantes

Gabriela Barros | Dirigente Sindical

A prática de um instrumento é, indubitavelmente, um ato de partilha, persistência, resiliência e generosidade. Aspetos incutidos aos alunos que integram o Curso Básico de Música na Casa Pia de Lisboa.

Se, na grande maioria dos bairros onde os alunos vivem, predomina a desordem, violência e ruído, na escola, a música contrapõe através da organização dos sons, do ritmo e da convivência entre os pequenos violinistas, violetistas, violoncelistas e contrabaixistas.

Os professores de Instrumento, por disporem de aulas individuais e, por isso, criarem uma relação de maior proximidade com os alunos, assumem uma tutoria informal que percorre o 2.º e 3.º ciclos.

A realização de audições, concertos, estágios, *workshops* e *masterclasses*, permite-lhes ver através de uma janela que, anteriormente, parecia opaca e intransponível. E, sim, tal como os jovens de outras escolas e realidades sociais com que se cruzam nos palcos, são capazes! •

EA de Dança do Conservatório Nacional, Lisboa

Projetos Interdisciplinares

Marcos Pinheiro | Expressão Dramática
Teresa Santos | Música

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
DANÇA E MÚSICA

Numa escola vocacional de Dança, com duas turmas do 8º ano e duas disciplinas em que se acredita fortemente nas potencialidades dos projetos interdisciplinares, decidimos avançar. As disciplinas diretamente envolvidas foram Expressão Dramática e Música. A partir da obra de Gil Vicente, em sete passos, criámos o nosso projeto interdisciplinar:
1)visita guiada à Exposição "Gil Vicente Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu" (04/01/24) efetuada pelo Dr. Nuno Costa Moura, tendo os alunos tomado conhecimento da vastíssima obra deste dramaturgo; 2) na aula de Expressão Dramática teve lugar a discussão e a escolha da obra e da personagem a tratar (Autos, Farsas, Comédias e Tragicomédias); 3) na aula de Música discutimos e selecionámos CDs com temas diversos da época (Renascimento), que passaram a fazer parte do trabalho, como fundo musical; 4) na aula de Expressão Dramática começaram a ser trabalhados os segmentos dos textos escolhidos por cada aluno; 5) na aula de Música foi escolhido um tema anónimo de 1500 para duas flautas de bisel - Tourdion, para o início do trabalho; 6) começaram os ensaios conjuntos (06/02/24) que envolveram na Expressão Dramática: o trabalho de voz, dicção e teatralização e, na Música: as explorações sonoras quer rítmicas quer melódicas; 7) o último passo consistiu na apresentação pública do projeto na escola (22/03/24) e no Museu do Teatro e da Dança (28/04/24).
Estava previsto contarmos com a colaboração plástica nos figurinos e adereços de outra escola vocacional, mas tal não se veio a concretizar. Na EDCN, dadas as profundas obras que estão a decorrer no edifício, infelizmente no momento não contamos com a disciplina de EV no 3.º Ciclo.•

EA António Arroio, Lisboa

Percurso e Provas de Aptidão Artística

Rute Garcia | Dirigente Sindical

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAIS

A Escola Artística António Arroio é uma escola secundária pública, que, juntamente com a Escola Soares dos Reis, no Porto, tem formação de ensino artístico especializado nas artes visuais e dos audiovisuais.
A sua oferta formativa técnico-artística confere o nível quatro do Quadro Nacional de Qualificações, é uma formação secundária com dupla certificação, possibilitando ao aluno a integração na vida ativa e/ou a continuação dos seus estudos académicos.
Atualmente, a escola oferece formação em Cinema e Vídeo, Fotografia, Multimédia e Som no curso de Comunicação Audiovisual, Design Gráfico e Multimédia no curso de Design de Comunicação, Equipamento no curso de Design de Produto e Gravura, Serigrafia, Ourivesaria, Têxteis, Cerâmica e Realização Plástica do Espetáculo no curso de Produção Artística.
Na última revisão curricular, no ano letivo de 2004-2005, foi implementado nesta escola o 10.º ano comum com a disciplina de Projeto e Tecnologias (PT), estruturada com base na complementaridade entre essas duas vertentes e transversal a todas as áreas de formação. Esta disciplina, nos moldes em que está desenhada, exige um grande investimento por parte dos alunos e dos professores. Os alunos, recém chegados do ensino básico, são convidados a mergulhar em diferentes experiências. Dão os primeiros passos no pensamento tecno-artístico das diferentes áreas de formação, na utilização de metodologias projetuais, na exposição e defesa de uma ideia, na experimentação de diferentes materiais, ferramentas e tecnologias. Trabalham seis projetos em nove meses. A imersão, de cinco a seis semanas, nas áreas tecnológicas, permite um maior contacto e promove a consciência para a escolha do curso e da área de especialização.

Requer, por outro lado, um ritmo de trabalho que não deixa tempo para reflexão e espaço para o erro.
A disciplina de PT é integrada no plano de estudos dos quatro cursos, é uma disciplina essencialmente prática, estruturada em três etapas, de iniciação no 10.º ano, de desenvolvimento no 11.º ano e de especialização no 12.º ano. Nos 11.º e 12.º anos, as metodologias e o tempo de reflexão passam a ser mais ponderados, permitindo um maior envolvimento e profundidade nas diferentes fases das metodologias de trabalho. Nestes três níveis de ensino, a disciplina reúne em si um entendimento entre o saber ver e o saber fazer, promove o domínio da cultura visual e a capacidade de ter uma consciência crítica, informada e de intervenção. É de salientar que esta disciplina só é possível pela estreita colaboração dos docentes nos trios pedagógicos criados para cada curso, para cada turma e para cada nível de ensino, assim como pelo respeito, consideração e valorização do trabalho de todos.
Em síntese, na disciplina de PT o processo de ensino desenvolve-se, ao longo do ano, em duas componentes que se articulam de forma cooperante. Na vertente de Projeto, faz-se a ligação às áreas de estudo e à prática projetual, desenvolvem-se competências conceptuais, criativas, comunicacionais, documentais, metodológicas e de organização. Na vertente Tecnologia, concretiza-se o projeto, experimentam-se materiais, ferramentas, técnicas e desenvolvem-se competências técnicas e tecnológicas.
No décimo segundo ano os alunos realizam a Prova de Aptidão Artística, etapa final da sua formação artística na "António Arroio". O aluno defende em dez minutos, perante um júri, um projeto individual e entrega um relatório final com a sua apreciação crítica de processos e resultados. É um momento relevante, formal, onde são demonstrados os saberes e as competências técnico-artísticas adquiridas. É um momento de concretização que marca o fim de uma viagem com uma porta aberta para o futuro.•

Apresentação PAA

"Filmar o Outro, O Gesto Documental"

O potencial transformador do cinema

Lígia Calapez e Sofia Vilarigues | Jornalistas

Realizou-se em Portugal, pela primeira vez, o encontro internacional final do programa "O Cinema, Cem Anos de Juventude". O encontro reuniu, na Cinemateca, entre 3 e 7 de junho, alunos dos ensinos básico e secundário de 50 escolas de 14 países de todo o mundo.

Onze escolas portuguesas participaram, através do trabalho desenvolvido com a Associação Os Filhos de Lumière. Nesta edição, o tema aglutinador das obras apresentadas foi "Filmar o Outro – O Gesto Documental". Pela primeira vez a questão trabalhada foi a realização de um documentário.
Este programa educativo, desenvolvido desde 1995 por Alain Bergala e Nathalie Bourgeois, cruza uma metodologia prática (em que os alunos são convidados a realizar um filme) com a análise teórica de excertos fílmicos. No início dos trabalhos, Teresa Garcia, em nome de Os Filhos de Lumière, realçou que "este programa é essencial para um verdadeiro encontro com o cinema, no que ele pode representar no crescimento e na transformação de cada um, de todos, começando pelas crianças e jovens".

Aqui fica uma brevíssima síntese do primeiro dia do encontro.

O que nos apaixona

Um excerto do filme "Ossos", do realizador Pedro Costa, padrinho do evento, foi motivo de um debate sobre o fazer cinema, também com Alain Bergala e Ricardo Lisboa.

"Não estava a sentir que tinha tempo para trabalhar, para fazer o que eu queria. E comecei, neste filme, a pensar como é que eu podia mudar a maneira de trabalhar. A fazer as coisas que eu queria fazer quando era mais jovem e quando pensei que gostava de fazer cinema. O que eu sentia era que precisava de voltar a qualquer coisa mais documental, mais simples, mais humana, mais perto das pessoas, mais perto das coisas", revelou Pedro Costa.

"Eu vejo aqui que a beleza é uma grande preocupação da tua parte", avaliou Alain Bergala. "Para mim bem feito é belo", afirmou Pedro Costa. "Venho de uma escola, de uma formação que é o cinema clássico. E o que eu aprendi com esse cinema era o fazer bem. Era o olhar bem. E esse cinema clássico tinha também um grande equilíbrio. Conseguia equilibrar bem a história. A ficção, fantasia com vida, realidade".

À pergunta do jovem público, "Porque opta por temas onde traz a diferença social?", o cineasta lembrou Charles Chaplin. "O cinema por altura

de quando ele vivia, quando ele começou a fazer filmes, a preto e branco, em quase todos os filmes mostrava muito essas coisas. Essas pessoas que viviam mal, que tinham dificuldades, que passavam fome, que lutavam, que tinham frio. E era importante".

A outra pergunta pertinente do público, "Queria saber se você teve algum objetivo, se você quis emitir alguma coisa como o filme que você fez?", Pedro Costa respondeu "Não. É só mostrar. Vês coisas, tens uma câmara fotográfica, uma câmara de filmar, filmas, mostras. É só mostrar, não é dizer". E avançou ainda: "Mostrar em muito grande esta pequena realidade com a qual nós temos um caso, um caso que nos interessa, que nos apaixona".

Breves notas sobre sete olhares diferentes

- **António Arroio, Lisboa**
- **EB 2,3/S de S. Sebastião, Mértola**
- **Clube Espaço Melka**
- **Escola Secundária Matias Aires**
- **Children Meet Cinema, Tóquio, Japão**
- **Escola Carlitos (CM2 A), São Paulo, Brasil**,
- **Escola Secundária Marquês de Pombal, Lisboa**

As escolas portuguesas estiveram em maioria no primeiro dia do grande encontro deste projeto internacional. E, tal como os jovens estudantes de outros países (neste caso Japão e Brasil), desenvolveram o seu trabalho numa lógica de proximidade, com as comunidades envolventes, numa interação e diálogo em que confluem e se confundem aprendizado do cinema e da realidade e relações humanas. Mas não será também esse o objetivo do projeto?

Texto completo

Entrevista com Teresa Garcia
É uma coisa que os faz crescer. Porque os faz olhar para o mundo

Lígia Calapez e Sofia Vilarigues | Jornalistas

Na sequência do Encontro Internacional de O Cinema, Cem Anos de Juventude, tivemos uma longa e animada conversa com Teresa Garcia, de Os Filhos de Lumière, na sede da associação. Aqui fica um pouco do muito que foi dito.

Da importância de que se reveste este projeto, destacamos duas afirmações - que confluem e falam por si - da nossa entrevistada.
"É uma experiência de vida. Porque também é uma maneira de olhar para os outros e de tentar criar uma relação com o mundo de cada pessoa. (...) É uma coisa que os faz crescer. Porque os faz olhar para o mundo. Porque os faz pensar nos outros. Porque faz perceber também a questão da alte-

ridade. Entre eles e os outros. E o coletivo. Eu acho que é uma das coisas mais incríveis."

Qual a importância da realização, pela primeira vez em Portugal, do encontro de final de ano de O Cinema, Cem Anos de Juventude?

Todos os anos, nós participamos neste encontro final. Só que não podemos levar todos os participantes, porque é impossível. Este ano, tínhamos 11 projetos. E, geralmente, levamos dois.

Mas o facto de todos os 11 terem participado neste encontro, da mesma forma, com todos os outros países, dá uma consciência do que é este projeto e de que todos fazem o mesmo trabalho que eles. Todos trabalham estes mesmos excertos, todos os veem, todos procuram, todos fazem os seus próprios filmes, todos olham à volta e procuram quem querem filmar. E, no final, todos fazem este exercício, este filme, que tem o máximo 10 minutos.

O processo é muito semelhante ao dos outros anos. Nós enchemos a sala da Cinemateca todos os anos, no final de cada ano, onde eles vão mostrar o filme. E depois vão ao palco e vão falar sobre a sua experiência. Portanto, é uma coisa que os alunos, na realidade, conhecem, mas que, de repente, abriu para o mundo.

Também foi interessante os encontros com o Pedro Costa e com a Dominique Cabrera. Porque, esse encontro com um realizador que é muito reconhecido - estar ali assim à frente deles e falar-lhes sobre o que é o cinema para ele, o que é que ele gosta de fazer e o que é que é importante para ele fazer, o que é que fazer um filme implica para ele - é marcante.

A presença de Alain Bergala é muito relevante, porque ele é o mentor disto tudo desde o início. Essa intervenção é muito importante. A seguir aos encontros, íamos todos, os adultos, cineastas e professores, e coordenadores também, para a Sociedade de Belas Artes, onde tínhamos lá uma sala, e havia uma conversa, uma espécie de balanço. Isso foi feito este ano também.

Como se trabalham as oficinas em Portugal?

Entrevista completa

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
MÚSICA

Cantar Mais Liberdade
Um projeto de criação coletiva

Lígia Calapez e Sofia Vilarigues | Jornalistas

Cerca de 85 crianças, de três agrupamentos de escolas da grande Lisboa, estiveram em palco, dia 26 de maio, no Fórum Lisboa, num grande concerto em que cantaram canções de Abril. As que foram agora por elas criadas, em conjunto, e as que já se tornaram símbolos dos ideais da revolução. Esta a forma como a Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM) – através do projeto Cantar Mais Liberdade – quis assinalar e contribuir para as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril. O projeto – concebido pela APEM, com a curadoria do músico Vitorino Salomé – teve como objetivo "aliar a História da Democracia em Portugal às canções, aos processos de criação musical e às práticas artísticas em ambiente educativo".

Nas suas várias etapas, três turmas do 2º ciclo do ensino básico, dos Agrupamentos de Escolas de Gil Vicente (Lisboa), da Boa-Água (Quinta do Conde, Sesimbra) e de Agualva Mira Sintra (Sintra), trabalharam com os seus professores de música e os cantautores das respetivas Residências Artísticas, Carlos Guerreiro, João Afonso e Ana Bacalhau e o curador Vitorino Salomé. E criaram, coletivamente, novas canções.

O resultado deste intenso e entusiástico trabalho – sempre na perspetiva de "cada um ser como é / igual a quem é diferente / cada um ser toda a gente" – foi um espetáculo inesquecível. E, naturalmente, uma experiência marcante para todos os envolvidos. •

https://www.apem.org.pt/cantar-mais/liberdade/

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
TEATRO E EXPRESSÃO DRAMÁTICA

Teatro e Expressão Dramática
Pela criação de um grupo de recrutamento

António Anes | Vice-Presidente SPGL

A intolerável e incoerente integração na carreira como técnicos superiores (!?) dos docentes que lecionam estas áreas relevantes do ensino artístico.

À Escola Pública exige-se uma educação integral do individuo em todas as vertentes, designadamente na formação das expressões artísticas, ao longo de toda a escolaridade obrigatória. Ao governo exige-se criar as condições mais favoráveis para a concretização deste desígnio, especialmente no domínio da docência das referidas expressões. Ora não foi até ao momento o caso do teatro e expressões dramáticas.

Durante muitos anos os professores que asseguraram a docência destas áreas mantiveram uma situação precária de trabalho. Em 2023, finalmente, a situação foi resolvida no âmbito do PREVPAP com a desejada vinculação ao Estado. Bem resolvida? Não. Estes professores foram incompreensivelmente vinculados como técnicos superiores. Tal não deveria ter acontecido. Tal deve ser revertido.

As funções exercidas por estes profissionais são de docência: planear, preparar, dar aulas e avaliar alunos; acompanhar, orientar e avaliar a Formação em Contexto de Trabalho e as Provas de Aptidão Profissional, acumulando com cargos de Diretor de Curso e de Diretor de Turma. Eram avaliados, antes da vinculação, através da avaliação de desempenho docente e eram remunerados com base na Carreira Docente. Estes professores, repito, professores, deveriam ter sido integrados na carreira docente.

O SPGL/FENPROF sempre defenderam e continuarão a defender a criação de um grupo de recrutamento de Teatro e Expressão Dramática. Defenderam, logo após a conclusão do PREVPAP, de modo a que permitisse a migração, de quem, indevidamente, tinha sido integrado na carreira técnica superior, para a de docente. Eis a justa revindicação que deve continuar. Só dessa forma se valorizará e reconhecerá a relevância do teatro e da expressão dramática no âmbito da educação artística e se fará justiça a todos os professores que as lecionam.•

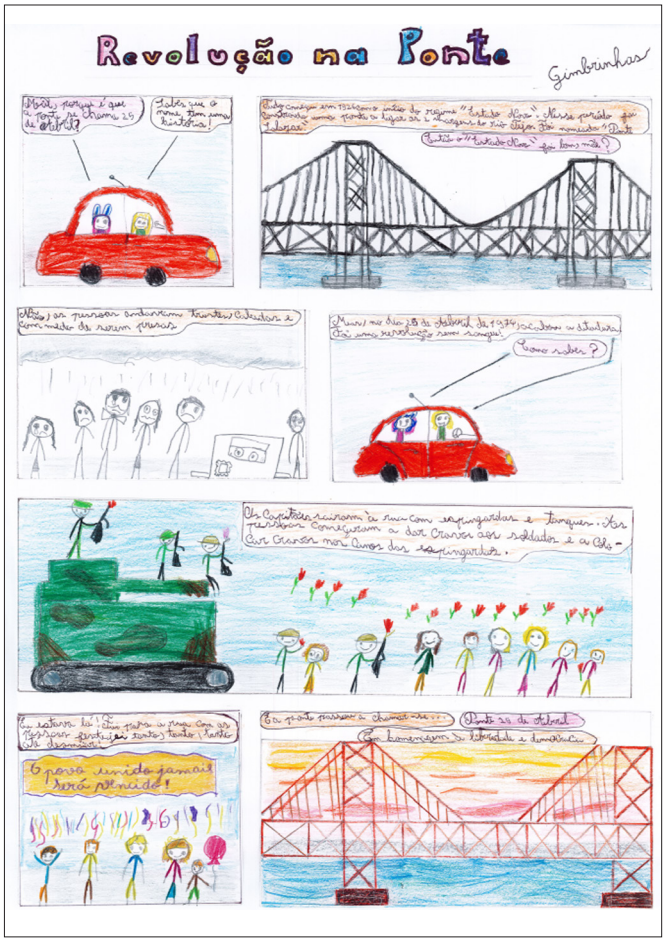
Concurso FENPROF
50 anos do 25 de Abril, 50 anos de Liberdade

Branca Gaspar | Dirigente do SPGL

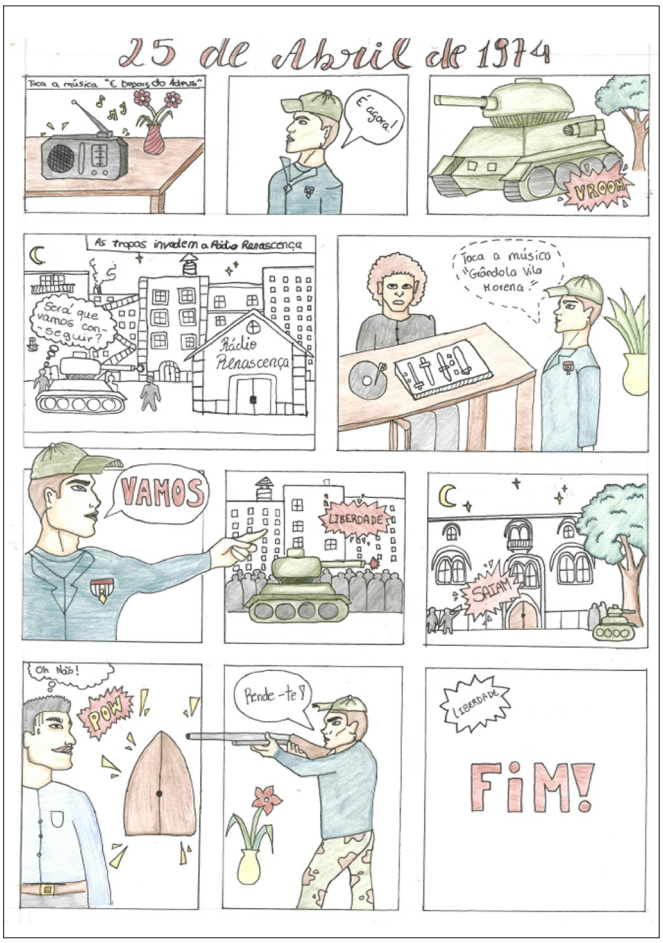
As comemorações dos 50 anos da Revolução de 25 de Abril de 1974 foram o pretexto para o concurso promovido pela FENPROF, que mereceu a ampla adesão de alunos e professores de todo o país. A organização contou com o apoio da Associação 25 de Abril e da Comissão Comemorativa 50 anos 25 de Abril, e ainda com os patrocínios da Science4You e da Leya. O concurso premiou trabalhos em três formatos: Cartaz, Banda Desenhada e Texto Criativo, e distinguiu os diferentes níveis de educação e ensino, desde o pré-escolar ao superior.

Dos trabalhos provenientes de escolas da área do SPGL, foram distinguidos 7 Primeiros Prémios e 6 Menções Honrosas. Todavia, uma passagem pela galeria dos trabalhos evidencia a criatividade, o espirito crítico e a valorização da liberdade como princípio fundamental da democracia. Estão todos de parabéns!

Os prémios foram entregues pelos dirigentes sindicais responsáveis pelo setor ou pela escola, em cerimónias singelas que contaram com a colaboração das direções dos agrupamentos e com a presença de professores, educadores, alunos e familiares.•



Os Gimbrinhas, AE Vergílio Ferreira, Lisboa
1.º Prémio | 1.º CEB | BD



8.º A da Escola Básica Qt.ª da Lomba, Barreiro
1.º Prémio | 2.º e 3.º CEB | BD

EB de Telheiras, AE Vergílio Ferreira, Lisboa
1.º Prémio | 2.º e 3.º CEB | Cartaz

Externato Penafirme, A-dos-Cunhados, Torres Vedras | 1.º Prémio | E. Sec. | Cartaz

Um Olhar de Abril

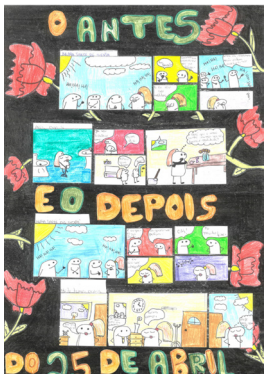
Abro os olhos, tremo interiormente de ansiedade. Tento concentrar-me ao máximo e não deixar que o meu exterior espelhe alguns dos meus sentimentos, não quero, nem posso deixar transparecer o meu medo àqueles que me rodeiam, mesmo que, lá no fundo, todos estejamos a sentir o mesmo e a pensar o mesmo. Ainda assim, mais do que medo, temos sede de LIBERDADE, e é esta água de libertação que nos motiva, que nos leva a querer mais do que temos e mudar a forma como vivemos.

ES Gago Coutinho, Alverca
1.º Prémio | E. Sec. | Texto

Externato Penafirme, A-dos-Cunhados, Torres Vedras
1.º Prémio | E. Sec. | Cartaz

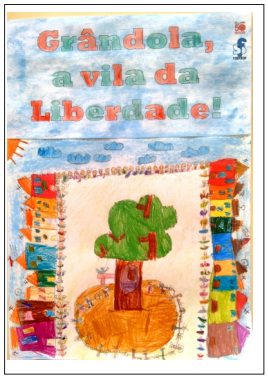
Externato Penafirme A-dos-Cunhados, Torres Vedras
Menção Honrosa | Cartaz

Externato Penafirme A-dos-Cunhados, Torres Vedras
Menção Honrosa | Cartaz



AE General Humberto Delgado, Loures
Menção Honrosa | BD

2.º Jardim Escola João de Deus, Tomar
Menção Honrosa | BD



2º Jardim Escola João de Deus, Tomar
Menção Honrosa | BD